

E ditar, produzir e fazer circular livros que possam colaborar com a melhoria do ensino no Brasil, estabelecer uma ponte entre a produção do conhecimento e a sociedade. Promover a circulação do saber, enfim. Esta tem sido, desde o início, a preocupação da Editora Contexto.

Boa leitura!

Siga-nos:



www.editoracontexto.com.br



Sumário

Introdução	11
Porque era ele, porque era eu	15
Lições violentas	18
Lembrar e esquecer <i>ou</i> A vida entre Dory e Funes	21
Cordeiros de Deus	24
O caco como cultura	27
Educar não é adestrar	30
As corujas invisíveis do crepúsculo	33
O historiador como juiz	36
Gentileza gera gentileza	39
Os medíocres fascistas e democratas	42
Universidades e sociedade	45

Presenteando gregos e troianos	48
Palavras da terra e do ar	51
Marias latinas	54
As rondas ostensivas da patrulha ideológica	57
Um presidente a mais, um a menos	60
As areias da ampulheta: atrasados e pontuais	63
Criar ou agradar <i>ou</i> Como eu quero envelhecer?	68
Tudo sobre um pouco ou pouco sobre tudo	71
Nossas âncoras cronológicas	74
Pães e livros	77
Tinha uma pedra no meio do caminho	80
Natal das crianças	83
Regras e felicidade	88
Dias de Quixote e dias de Sancho <i>ou</i> Homenagem ao professor Morejón	91
Livres ou marionetes?	94
O real da realeza	97
Paris é uma festa	101
As conversas privadas	104
Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará	107
Deus e Ray Conniff	110
Para voltar a ver	114
Por que me ufano...	117

Talentos do além	120
Insulto, logo existo	123
Muros e bárbaros	126
Quem merece o quê?	129
História à mesa	132
A vida da língua	135
Armadilhas da inteligência e da fé	138
O que é ser conservador?	141
Amo Carnaval	144
O fantasma de Stalin	147
Tornar-se mulher	151
A consciência dos insetos	154
Os idos de março: prudência é covardia?	157
O silêncio de tudo	160
Você é vaidoso?	163
A luz alheia	166
Ele não gosta de ler!	169
Pintando o retrato de Desejado	172
O que é uma boa aula	176
Sexo, Deus e felicidade	179
O que Jesus pensava?	182
O autor	187

INTRODUÇÃO

Dialogando com muitas culturas

No inverno de 1898, na França, o literato Émile Zola publicou o artigo “J’Accuse...!”. Era um pesado texto contra a maneira de conduzir o escandaloso caso Dreyfus, que acusava um capitão francês de espionagem em meio a um clima antissemita. A ação de Zola trouxe ao debate público a figura do intelectual que sai da sua zona principal de produção para abarcar questões variadas. Para muitos, o texto inaugurou a figura do intelectual público.

Os franceses polarizados do fim do século XIX poderiam perguntar: um literato, bom autor de romances, teria como refletir sobre um caso judicial? Afinal, Direito não era a especialidade do grande autor. Teria mais validade a opinião do autor de *Germinal* do que a de uma vendedora de flores do mercado de Paris?

A questão é interessante. Ao longo do século xx muitos intelectuais foram chamados a dar opinião sobre temas que fugiam ao seu campo imediato de pesquisas. É o caso de J. P. Sartre falando da independência da Argélia ou Noam Chomsky analisando a política fiscal dos EUA. Séculos antes, o filósofo Montaigne já lançara, com seus ensaios, a tradição de olhar muitas coisas longe do universo filosófico.

Se formos honestos, em todo o mundo somos levados a considerar que nossa zona de conforto está para trás. Jornalistas, treinados para texto e pesquisa de fatos, são obrigados a analisar dados econômicos sem ter formação de economistas. Governadores formados em Medicina ou presidentes engenheiros também enfrentam questões do mundo financeiro e cultural. Editores trabalham sobre textos sem serem autores ou da área sobre a qual devem atuar. Mães são forçadas a tiradas de Psicologia com os filhos mesmo sem o diploma. Como não existe o homem universal que tudo abarque, somos todos compelidos a sair de uma fronteira mais segura e ampliar nosso olhar.

Escrever sobre muitos temas é um desafio curioso. Tenho uma formação profissional na área de História e um olhar treinado para questões específicas. Ao dirigir este olhar para fora do meu gueto, compreendo coisas novas num processo recíproco de aprendizado.

O livro que está diante de você é fruto do desafio de considerar a possibilidade do diálogo entre áreas distintas e cruzamento de temas diversos. Sem o talento literário de Zola, sem a agudeza filosófica de Sartre/Montaigne e carecendo do domí-

nio linguístico de Chomsky, eu encaro a chance de pensar o mundo e suas facetas como um apaixonado e limitado autor.

Sempre achei fascinante ampliar a visão e pensar a realidade além da parede técnica do especialista. Sempre espero que o leitor lance sobre mim o mesmo método que lanço sobre todos os textos que encaro: ler com atenção e analisar, dissecar e destrinçar o que li. Em todos os campos, encaro o mesmo desafio: ali está uma parte da verdade, nunca A Verdade.

Tenho aprendido bastante com esse exercício de escrita. Fãs e detratores colaboram para indicar bons caminhos. Escrever é uma prática. O cerne do que acredito (o diálogo, o combate ao preconceito, a crítica às exclusões sociais e culturais etc.) nunca muda. As coisas do momento e os temas são uma “metamorfose ambulante”, como diria Raul Seixas.

Sou um historiador que escreve e não um escritor que pesquisa História. Certa feita, Barbara Tuchman foi questionada se era uma historiadora ou escritora. Respondeu que “as duas funções não precisam estar, e de fato não devem estar, em guerra. A meta é a fusão. A longo prazo, o melhor escritor é o melhor historiador”. A nova-iorquina dos *Canhões de Agosto* tinha resolvido o problema que, no século XIX, irritara Jules Michelet ao ser elogiado como literato.

Constituí mosaicos de memória, observador de um mundo fascinante e em crise que é o Brasil recente. Lanço minhas garrafas ao mar e, inúmeras vezes, recebo mensagens ao vivo e por escrito de pessoas tocadas por um texto. Esse tem sido o maior estímulo.

* * *

Em 2016, o diretor de jornalismo do grupo Estadão, João Caminoto, convidou-me para uma reunião. Alinhar duas agendas complexas foi o primeiro desafio. Chegado o dia, surgiu o convite para iniciar uma coluna aos domingos em *O Estado de S. Paulo*. O tema seria livre e a liberdade absoluta. Pedi um tempo para pensar.

Escrever para uma instituição como o Estadão era um desafio que acariciava meu ego. Era exatamente a vaidade que me lembrava de como havia risco no voo de Ícaro. Com a promessa de liberdade reforçada (e, a propósito, exemplarmente mantida), aceitei e comecei, em julho de 2016, a redigir crônicas para o jornal. Eram ideias compartimentadas em cinco mil toques.

Ao longo do segundo semestre de 2016, nova proposta de encontro com Caminoto e novo convite: escrever duas vezes por semana, quartas e domingos. O primeiro sim deu muita alegria. O segundo tem dado muito trabalho.

Gosto imensamente do desafio de escrever para um público qualificado, mas amplo. É mais complicado fazer um texto curto sobre um tema do que um longo no qual eu possa destrinçar tudo. Sempre admirei o zelo acadêmico da precisão conceitual e da linguagem refinada e exata, no entanto, ininterruptamente desejei que nós, intelectuais públicos, falássemos a mais gente. A tarefa sempre foi, com temas simples ou complexos, atingir mais pessoas, provocar debate nos leitores, estimular a saída de zonas de conforto.

Passados alguns meses, minha primeira editora, a Contexto, fez um convite para que eu preparasse as crônicas do jornal para este livro. Luciana Pinsky trabalhou nos originais e fez preciosas sugestões. A qualidade do livro deve muito a ela, os erros são de minha autoria exclusiva.

Agradeço a confiança do jornal *O Estado de S. Paulo*. Agradeço à Editora Contexto por esta obra que reúne a maioria das crônicas entre julho de 2016 e abril de 2017. Espero, um dia, ser a pessoa que João Caminoto e Luciana Pinsky viram de forma generosa. Deixo meu obrigado, em particular, as muitas e boas sugestões de Valdez Carneiro da Silva, Rose Karnal e Luiz Estevam de Oliveira Fernandes, argutos leitores e pessoas admiráveis no meu universo íntimo. Mesmo com o esforço de equipe tão boa e dedicada, cacos restam. Parte do charme da vida é o acaso e o erro.

Boa leitura!

Porque era ele, porque era eu

João deitou a cabeça no peito de Jesus. Era a confiança absoluta no Mestre durante a última ceia. Poucas horas depois, o gesto era retribuído e magnificado: Jesus entregou-lhe a guarda da pessoa mais importante. “Filho, eis aí tua mãe”. A cena sob a Cruz mostra algo sublime: a amizade tornara João parte da família.

Amizades surgem entre pessoas que se admiram. A estreita relação entre os filósofos Montaigne e Étienne de la Boétie resulta numa das mais belas frases já escritas sobre esse tipo de afeto. Nos seus ensaios, o nobre tenta explicar por que amava La Boétie. Só consegue dizer que a causa central era “porque era ele, porque era eu”. O autor de *Os ensaios* reconhece que na especificidade absoluta do outro está a chave da fusão elevada que chamamos amizade.

A cabeça pendente de João e a afirmação de Montaigne mostram que a amizade encontra um campo além da razão: algo entre a fraternidade adotada e a entrega ao mistério da afinidade afetiva. Fraternidade adotada porque o amigo torna-se um irmão por desejo recíproco. O mistério da afinidade afetiva porque, diante do amigo, torno-me, de fato, quem sou. Não existe uma racionalidade que abarque isso. A amizade é uma epifania lenta.

Há pedras no caminho. Amigos também possuem egos e as circunstâncias, por vezes, sufocam tudo. Desde que se conheceram na Paris ocupada, Sartre e Camus perceberam uma atração afetiva imediata. Já admiravam a obra um do outro. Dois homens diferentes: Sartre, burguês e bem formado; Camus, de família pobre e nascido na Argélia. Também havia o fato de que o parisiense se esforçava muito para agradar às mulheres, mas era feio como uma cólica. Camus era bonito, mas sem a lábia retórica do autor de *A náusea*. Havia uma admiração recíproca e uma concorrência entre ambos. Sartre apoiou a URSS mais do que Camus gostaria e as conversas foram ficando ácidas. Numa carta endereçada à revista que Sartre dirigia (*Les temps modernes*), ocorreu o afastamento definitivo. Sartre respondeu no mesmo número com um texto muito duro, duvidando até da capacidade de compreensão filosófica do ex-amigo. A trágica morte de Camus impediu uma reaproximação. Sartre escreveu um lindo obituário. A morte vencera o ego.

Vaidades e disputas afastam amigos. Alguns afirmam que ex-amigos, de fato, nunca foram amigos de verdade.

Ocorreria algo similar no Brasil. Oswald de Andrade jogou sobre Mário de Andrade duas palavras que evisceravam os pontos mais dolorosos do autor de *Macunaima*: chamou-o de “boneca de pixe”. Atacando Mário como mulato e homossexual, Oswald causou uma ferida que nunca cicatrizou. Amigos se aproximam do coração e, quando isso resulta em estocada, ela quase sempre é fatal. Amigos baixam a guarda uns para os outros e esse setor não defendido, ao ser flechado, magoa como poucas coisas.

Talvez a amizade seja sempre um desafio. Entregar-se à relação com um amigo é observar-se num espelho pouco generoso. Os amigos nos conhecem e, para eles, as cenografias sociais são inúteis. Sim, nossos amigos

nos amam e nos conhecem, e nunca saberemos se nos amam por nos conhecer ou apesar de nos conhecer. Mas a entrega à amizade intensa é uma entrega a uma jornada de intimidade e apoio.

O olhar do amigo não tem a doçura absoluta do materno e escapa do tom acre e ressentido do inimigo. Assim, longe do mel estrutural e do fel defensivo, é um olhar de sinceridade. Para ter um amigo, preciso de condições específicas. Eu identificaria três fundamentais.

A primeira é a capacidade de se observar e continuar em frente. Uma conversa genuína com um amigo é uma dissecação anatômica da minha alma. Nem todos conseguem isso. Não é fácil atender ao preceito socrático: conhece a ti mesmo. Na minha experiência, conhecer os outros é infinitamente mais fácil do que conhecer a si. Se os filósofos já garantiram que homens maus não possuem amigos, mas apenas cúmplices, eu acrescentaria que pessoas superficiais possuem apenas colegas e conhecidos, mesmo que os denominem amigos.

A segunda é o tempo. Não se criam amigos de um dia para o outro. Amigos demandam história, repertório de casos, vivências em conjunto. Amigos precisam viajar juntos. Assim, os afetos integram as vidas das respectivas famílias. Amigos acompanham nossos sucessos e fracassos amorosos, choram e riem com nossa biografia. Quem adicionei ontem na minha rede social é um fantasma, um fóton, jamais um amigo. Amigos precisam de cultivo constante. Todo amigo é, dialeticamente, um frágil bonsai e um frondoso carvalho.

A terceira é o controle do próprio orgulho. A mais espaçosa dama da alma é a vaidade. Quando ela preenche o ambiente, sobram poucos assentos livres. Pessoas vaidosas são frágeis e temem a entrega da amizade. O amor é privilégio de maduros, dizia Carlos Drummond. Talvez a amizade também o seja. Talvez não seja apenas para maduros, mas, com certeza, é um privilégio. Encerro com o conselho sábio dado por um tolo. Polônio prescreve ao filho Laertes (em *Hamlet*): “Os amigos que tens por verdadeiros, agarra-os a tu’alma em fios de aço; mas não procures distração ou festa com qualquer camarada sem critério”. O cortesão infeliz sintetiza tudo o que tentei escrever aqui. Já falou com seu amigo hoje?